

## ESPORTE/JOGOS INDIGENAS: UMA PRÁXIS PEDAGÓGICA DA PETECA E JIKUNAHATI NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR 1

### SPORT/INDIGENOUS GAMES: A PEDAGOGICAL PRACTICE OF PETECA AND JIKUNAHATI IN SCHOOL PHYSICAL EDUCATION

**Reigler Siqueira Pedroza**

<reigler@hotmail.com>

Doutorando em Educação Física

Universidade de Brasília (UNB), Brasília, Brasil

Prof. Universidade Estadual de Goiás (ESEFFEGO),

<http://lattes.cnpq.br/3169491898919704>

**Marcelo Carneiro dos Santos**

<marcelo\_c\_s@outlook.com>

Mestrando em Educação Física

Universidade de Brasília (UNB), Brasília, Brasil

<http://lattes.cnpq.br/8054217538836729>

**George Ivan da Silva Holanda**

<geo.holanda07@gmail.com>

Graduando em Educação Física (licenciatura)

Universidade Estadual de Goiás (ESEFFEGO)

<http://lattes.cnpq.br/5959449417138968>

**Wemerton Martins Santos**

<wemerton26@gmail.com>

Graduando em Educação Física (licenciatura)

Universidade Estadual de Goiás (ESEFFEGO)

<http://lattes.cnpq.br/8641262178553499>

#### RESUMO

O presente relato de experiência é fruto de uma pesquisa-ação que sistematizou uma proposta pedagógica que tematiza os esportes/jogos indígenas nas aulas de Educação Física na primeira fase do ensino fundamental. O objetivo geral foi ensinar os saberes tradicionais da cultura indígena na educação formal, valorando seus aspectos simbólicos e socioculturais enquanto alteridades étnicas constituintes da identidade brasileira. A intervenção foi realizada na Escola Municipal Recanto do Bosque, instituição no qual se desenvolveu as ações do subprojeto de Educação Física do campus ESEFFEGO (PIBID/UEG). Valendo-se da pedagogia histórico-crítica no campo da educação brasileira e da abordagem crítico-superadora no campo da educação física, elaborou-se uma proposta pedagógica para o ensino da Peteca e Jikunahaty (Cabeça-bol) oriundas da etnia indígena kayapó na escola. A seleção destas práticas corporais fundamentou-se

na importância histórica de resistência dos povos originários brasileiros, bem como, pelos aspectos simbólicos que estes saberes possibilitaram na resignificação de sentidos e significados na educação do corpo. Concluímos ser possível a partir de uma teoria pedagógica crítica trabalhar com os saberes advindos da cultura indígena no currículo formal, superando os conteúdos eurocêntricos que colonizam hegemonicamente a escola. As dimensões cooperativas e de sociabilidades coletivas se evidenciaram enquanto hábitos e valores que constituíam a ludicidade destas práticas corporais em detrimento da competição que na modernidade produzem exclusão, hierarquização e individualismo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Escola; Educação Física; Esporte/Jogos Indígenas.

---

<sup>1</sup> Este trabalho teve financiamento CAPES através do programa institucional do PIBID/UEG.

**ABSTRACT**

The present report of experience is the result of an action research that systematized a pedagogical proposal that thematizes the indigenous sports/games in physical education classes in the first phase of fundamental education. The general objective was to teach the traditional knowledge of indigenous culture in formal education valuing its symbolic and socio-cultural aspects as ethnic alterities constituting the Brazilian identity. The intervention was carried out in the Municipal School Recanto do Bosque, an institution in which the actions of the sub-project of Physical Education in the campus of ESEFFEGO (PIBID/UEG) were developed. A pedagogical proposal for the teaching of Peteca and Jikunahaty (Cabeça-bol) from the indigenous Kayapó ethnic group in the school was elaborated using the historical-critical pedagogy in the field of Brazilian education and the critical-overcoming approach in the field of

physical education. The selection of these corporal practices was based on the historical importance of resistance of the Brazilian native peoples, as well as for the symbolic aspects that this knowledge enabled in the re-signification of senses and meanings in the education of the body. It was concluded that it is possible from a critical pedagogical theory to work with the knowledge derived from the indigenous culture in the formal curriculum, surpassing the eurocentric contents that hegemonically colonize the school. Cooperative dimensions and forms of collective sociability have evidenced as habits and values that constituted the playfulness of these corporal practices to the detriment of the competition that in modernity produces exclusion, hierarchy, and individualism.

**KEY-WORDS:** School; Physical Education; Indigenous sports/games.

**INTRODUÇÃO**

O presente relato de experiência sintetiza uma proposta pedagógica que se propõe a ensinar os saberes da cultura indígena (jogos/esportes) para uma turma do Ciclo I (primeira fase do ensino fundamental) nas aulas de educação física escolar. Valemo-nos da pedagogia histórico-crítica (no campo da educação) e da abordagem crítico-superadora (no campo da educação física) para a construção da proposta. A partir dos saberes tradicionais da cultura indígena planejamos uma prática pedagógica que buscasse superar o tratamento transversal e/ou pontual que tem constituído o ensino destes saberes dos povos originários brasileiros nos currículos escolares. O objetivo geral foi de ressignificar os conceitos desta tradição cultural a partir das alteridades de suas práticas sociais enquanto expressões de linguagens corporais do currículo escolar. Do qual,

defendemos a cultura corporal como o objeto de estudo da educação física que classifica, sistematiza e pedagogiza os saberes históricos das práticas corporais a serem tematizados na escola.

## REFERENCIAL TEÓRICO

A educação, segundo Carlos Brandão, é “(...) uma fração do modo de vida dos grupos sociais que a criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade” (1981 p. 9-10). Nesta premissa, cabe destacar que a educação se constrói na alteridade onde “(...) não há uma forma única nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar onde ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a sua única prática e o professor profissional não é o seu único praticante” (BRANDÃO 1981, p.9). Entretanto, na modernidade, a escola assume uma preponderância enquanto instituição no processo de formação humana, estando constantemente em disputa. Desta forma, a escola é não somente espaço de resignação e conformação social, mas também de resistência e mudança (DERMEVAL SAVIANI, 2011).

Neste contexto, a Educação Física, de acordo com o Coletivo de Autores (1992, p.33), é entendida como: “(...) uma prática pedagógica que, no âmbito escolar, tematiza formas de atividade expressivas corporais como: jogo, esporte, dança ginástica, formas estas que configuram uma área de conhecimento que podemos chamar de cultura corporal”. A partir desta base conceitual, cabe destacar a importância da educação escolar para a formação do gênero humano e da linguagem corporal como elemento que compõe esse processo formativo. O que possibilita resistir às formas conservadoras de educação formal que nega uma formação crítica que seja constituída de uma totalidade significativa do sujeito.

Dentre os temas da cultura corporal, escolhemos o jogo/esporte para sistematizar uma proposta na escola, buscando romper com os saberes que hegemonicamente tem valorado a prática pedagógica dos professores de educação física, especificamente, ao recortar os saberes da cultura indígena. A terminologia “jogo/esporte” não dicotomizada, advém de uma compreensão teórica de que possuem uma reciprocidade dialética, ainda que fragmentados numa racionalidade instrumental, do qual defendemos não haver uma dissociação na realidade concreta. Para tanto, nos valem de Renato Sadi (2010), ao propor uma pedagogia do esporte ancorada numa perspectiva crítica, defendendo a indivisibilidade destas práticas sociais se vistas de forma ontológicas, visto que compõem uma totalidade social. A partir deste marco teórico, nos propomos

a planejar e realizar uma intervenção pedagógica que problematize as práticas corporais caracterizadas como jogos/esportes indígenas para o Ciclo I na educação fundamental.

A escolha por pedagogizar os jogos/esportes advindos da cultura indígena parte do pressuposto que esses conhecimentos não são apresentados/problematizados no contexto escolar, sendo privilegiado historicamente os conteúdos eurocêntricos no processo de educação do corpo. Valendo-se de Saviani (1997), ao submetermos a prática social humana a uma teoria pedagógica para a educação formal, faz-se necessário uma reflexão crítica que submeta o objeto a uma radicalidade, rigorosidade e análise de conjunto. Este movimento foi o exercício teórico-metodológico que utilizamos para construir a proposta pedagógica. Diante deste cenário, o estudo da historicidade da cultura ameríndia foi fundante para a elaboração do planejamento.

A partir deste pressuposto, é necessário localizar a visão de mundo do qual nos debruçamos para tematizar a cultura indígena na escola. Indígenas, assim foram nomeados os povos originários brasileiros, a partir de um olhar eurocêntrico repleto de preconceito e desentendimento. A contextualização histórica dos povos indígenas é ainda debatida por teóricos das ciências humanas, do qual destacamos os campos da antropologia e história.

As etnias indígenas antecedem ao período da colonização, dados arqueológicos relatam processos migratórios que redesenharam o processo de ocupação territorial brasileiro, o que sugere uma análise mais criteriosa do seu processo de formação e dinamicidade histórica. Fausto Carlos (2010) denota a existência de uma organização territorial entre os povos originários brasileiros, fato que destaca a comunicabilidade entre as várias etnias existentes.

De acordo com o Instituto socioambiental Brasileiro (1996) houve alguns fatores preponderantes que provocaram o processo migratório dos povos indígenas, a destacar: as condições climáticas e de escassez de alimentos, conjugado à falta d'água. Como eram povos nômades, atravessaram continentes em busca de novas condições para subsistir, espalhando-se pelo território brasileiro e (re)criando novos costumes, identidades e singularidades culturais. O processo de colonização é o maior responsável pelo estigma povos originários brasileiros, colaborando para o genocídio e desestruturação de diversas etnias que viviam e, ainda resistem, enquanto sociedades alteres no Brasil.

Alexandre Shignov Neto & Bomura Maciel (2008) destaca que os povos indígenas entraram nas pautas das discussões da coroa portuguesa, classificados como não humanos pela

ordem católica que restringe a condição humana apenas aos praticantes da mitologia e cosmologia da igreja católica. Desta forma o catolicismo emerge justamente com a missão de educação religiosa, procedimento chamado de aculturação. Manoela Cunha (2012) denota que junto ao processo educacional da igreja católica existia um movimento de escravidão, ou processo de educação dos corpos para o trabalho. Assim sendo, o discurso jesuíta se afinizava com os interesses da coroa portuguesa de formação de mão de obra para a colônia.

Se contrapondo a esse discurso colonizador, os povos indígenas, segundo Fernando Schiavini (2006), travaram várias guerras com a coroa, estes confrontos permitiu o extermínio de inúmeras aldeias e etnias. Esta disputa bélica já desigual na sua gênese, advindas do domínio técnico-científico das armas pela coroa portuguesa, no qual os indígenas que não morriam nestes confrontos tiveram que se adequar as árduas rotinas de trabalho escravo, ou desempenharam funções de escambos. Apesar deste cenário, a resistência persistia, com migrações e rearranjos dos grupos sociais que pertenciam aos povos originários, instaurando novos povoados, aldeamentos e vilas.

Até o século XIX os povos indígenas não eram reconhecidos enquanto sujeitos, somente no ano de 1910, período da República Velha, que surgem as primeiras políticas voltadas para a proteção e cuidado dos povos indígenas. Um dos primeiros órgãos responsáveis por realizar tais ações foi o SPI (Serviço de Proteção ao Indígena) que iniciou políticas de Estado para proteção e assistência a estas etnias. De acordo com Fernando Schiavini (2006), esta instituição foi fundamental para uma primeira aproximação entre Estado e os povos indígenas.

Apesar das alteridades pré-existentes algumas etnias têm tentado resistir frente à cultura eurocêntrica que busca diligenciar estes grupos na modernidade (FRANCINETE QUARESMA, 2012). Um desses povos que vem resistindo frente a essas mudanças são os Kayapós, grupo étnico que se encontra no sul do Pará, fazendo fronteira com o Mato Grosso. Os esportes/jogos selecionados para essa prática pedagógica foram escolhidos a partir deste grupo social, no qual foi realizada uma revisão de literatura de estudos etnográficos que subsidiou a construção da proposta.

Diferentemente do jogos/esportes instrumentalizados e racionalizados na modernidade de forma fragmentada, na etnia kayapó estes assumem alteridades que possuem aspectos simbólicos próprios da sua tradição cultural, valorando sociabilidades que prevalecem a cooperação em detrimento da competição. Por outro lado, estas práticas corporais tem um simbolismo que

pertencem às dimensões mais amplas do grupo étnico, o que pode ser exemplificado na sua relação com os ritos e passagem. Nesta premissa, os jogos/esportes não se restringem a uma dimensão instrumental, pois se caracteriza como fundante do processo de humanização.

A partir desta contextualização, nos propusemos a organizar o trabalho pedagógico deste conteúdo de forma criativa buscando contemplar a formação ampliada do sujeito, atendendo as dimensões cognitiva, psíquica, motora, afetiva e social. O que sugeri a necessidade de problematizar os aspectos histórico-culturais que constituíam a singularidade deste grupo social e superar os saberes que historicamente prevalecem nas aulas de educação física escolar, coloquialmente nomeado de “quarteto fantástico” (Futebol, Voleibol, Handebol, Basquete). O que sugeri uma ressignificação dos aspectos que circundam essa prática corporal, alterando a educação do corpo a partir da cultura indígena.

Esta mudança paradigmática recolocou um novo olhar sobre a alteridade e seus sentidos e significados traduzidos na produção histórico-cultural da etnia Kayapó. Sendo possível construir experiências educativas de respeito à diferença e de superação dos valores individuais em detrimento aos coletivos. Em que intencionalmente selecionamos dos saberes da etnia Kayapó as seguintes práticas corporais: a Peteca e o Jikunahaty (Cabeça-bol). Estes conhecimentos aos educandos apreender novas alteridades que constituem a formação humana e suas distintas sociabilidades.

## **METODOLOGIA**

A metodologia para a realização desta experiência educativa foi a pesquisa-ação, valendo-se de uma relação dialética que perpassa pelo planejamento, ação, reflexão e uma nova ação transformadora da realidade em conjunto com a realidade escolar. Segundo Michel Thiollent (1986, p.7), esta metodologia “é orientada em função da resolução de problemas ou de objetivos de transformação”. Ainda para este autor, “a pesquisa ação, além da participação, supõe uma forma de ação planejada de caráter social, técnico ou outro, que nem sempre se encontra em propostas da pesquisa participante”. Desta forma, os instrumentos utilizados durante todo o processo foram: entrevistas e questionários com os professores da escola, análise de documentos da secretaria de educação e internos da escola, leitura de obras referenciais, discussões de textos e livros, sistematização de relatórios de observação e intervenções em conjunto com o coletivo escolar.

---

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A exposição da síntese deste relato de experiência será realizada a partir das análises dos problemas e superações encontradas durante o processo de ensino aprendizagem. O primeiro deles se refere à discussão dos conteúdos que seriam trabalhados, no qual nos deparamos com a inexistência dos saberes da cultura indígena na proposta de Diretrizes Curriculares do município de Goiânia/GO (2009 p.39 e 96). No qual aponta que “[...] ‘além do currículo proposto por disciplinas tradicionais’, propõe a ‘inserção de programas especiais ou temas transversais, como ética, meio ambiente, pluralidade cultural, trabalho e consumo, reflexões filosóficas e sociológicas [...] (GOIÂNIA, 2004, p.25)”. Entendemos que a cultura indígena não deve ser enquadrada enquanto tema transversal na educação escolar, ao contrário disso, deve ser compreendida como conteúdo curricular obrigatório na escola dos campos disciplinares específicos, devido a sua importância histórica na formação do gênero humano e por constituir patrimônio material e imaterial da identidade brasileira. A partir de uma negociação com a escola e com o professor de educação física, definimos que o conteúdo jogos/esportes indígenas entrariam como currículo obrigatório das aulas de educação física e não como temática sazonal, usualmente, revivida como caricatura em datas comemorativas.

Assim, utilizamos referências das Ciências Humanas e Sociais para construir uma aproximação com campo de conhecimento da Educação Física na elaboração da proposta pedagógica. Apesar da vasta literatura pesquisada, não encontramos recortes com objetos que dialogassem com o campo escolar e, em especial, na especificidade da cultura corporal e suas possibilidades na educação de alteridades na relação com o corpo. O que nos faz refletir sobre os motivos da pouca sistematização de conhecimentos para a escola, principalmente, na educação física. O que aumentou o desafio para superar a visão biologicista que predomina nas práticas educativas deste campo de conhecimento do currículo obrigatório da escola. Corroboramos com Luis Grupioni (2008), quando afirma que a cultura indígena deve ser respeitada e relativizada, devendo seus saberes serem contextualizados historicamente quando submetidos a uma teoria pedagógica para a escola. Nesse sentido, acreditamos ser necessário recolocar o papel da educação física no âmbito escolar, permitindo que os alunos conheçam dentro das manifestações da cultura corporal os saberes advindos das etnias indígenas.

Na relação com o aprendizado, buscamos uma análise crítica da educação física, referendando em Valter Bracht (2002), pois o esporte biologicista, esportivista e reprodutivista na escola está a serviço de uma classe dominante. Ao privilegiar a performance e a competitividade para o esporte escolar acaba criando processos de exclusão e prejuízos formativos que atingem as dimensões emocionais, psicológicos, sociais e biológica dos educandos. Com isso, os alunos que não têm a habilidade necessária para alcançar o padrão desejado são alijados do processo e acabam por ter uma relação negativa com a educação física na escola. É no sentido de trazer mudanças para esse contexto, que corroboramos com a educação física crítica que se propõe a uma formação humana ampliada e transformadora. O que justificou, no primeiro momento, um estudo das cosmologias que envolviam práticas corporais selecionadas do grupo étnico Kayapó e suas possibilidades pedagógicas, Vera CAMARGO et al (2011).

A partir deste prisma, planejamos e ministramos um total de dez aulas germinadas, ou seja, foram agrupadas duas aulas de uma hora cada em uma mesma atividade pedagógica, totalizando duas horas de aula para cada ação educativa, seguindo à dinâmica curricular da escola. Estas aulas eram ministradas no pátio da instituição, utilizado para as aulas de Educação Física e a quadra poliesportiva. A partir da proposta de Demerval Saviani (2011) – pedagogia histórico-crítica e, na sua ampliação didática construída por Luiz Gasparin (2011), para o planejamento da práxis pedagógica, organizamos o conteúdo programático do processo de ensino aprendizagem da seguinte forma:

**Quadro 01:** sistematização/planejamento da prática pedagógica (elaborado pelos autores).

<b>Prática social inicial</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conceitualização de Educação Física e de seus conteúdos a partir da cultura corporal e identificação dos saberes da cultura indígena;</li> </ul>
<b>Problematização</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Resignificação dos saberes sincréticos dos alunos sobre a cultura indígena;</li> </ul>
<b>Instrumentalização</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Aprendizagem das técnicas corporais da Peteca e do <i>Jikunahati</i>;</li> </ul>
<b>Catarse</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• (Re)construção da dinamicidade e regras destes jogos/esportes a partir do contexto sócio-histórico dos alunos;</li> </ul>
<b>Prática social final</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Construção de novos jogos/esportes a partir da peteca e <i>Jikunahati</i>.</li> </ul>

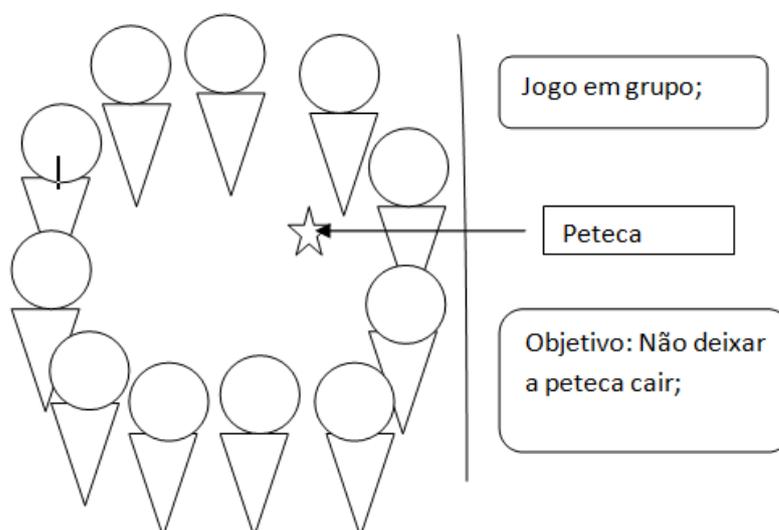
Buscando expor aos educandos sobre a historicidade da cultura indígena na formação identitária de nosso país, através de um debate oral com os alunos sobre estes povos originários.

Valendo-se do uso de vídeo enquanto recurso didático, no qual, evidenciamos um estranhamento e atitudes preconceituosas sobre os hábitos e costumes destas etnias. A elucidação desta problemática sugeriu uma mediação pedagógica dos professores para desmistificar e problematizar as bases históricas destes preconceitos naturalizados.

Foi perceptível o estranhamento da turma acerca dos conteúdos expostos, devido à temática se distanciar do que é tido enquanto “natural” nas aulas de educação física, Entretanto, não houve resistência da turma em participar das atividades propostas, o que surpreendeu foi o envolvimento dos educandos com as práticas corporais, foi percebida a iniciativa dos educando em tentar compreender o esportes/jogos enquanto um todo, deixando os aspectos técnicos em segundo plano, lembrando que não estamos negando a técnica, apenas exteriorizamos que o realizar dos movimentos com eficácia não lhes tornariam melhor que os outros, Carmem Soares (1996).

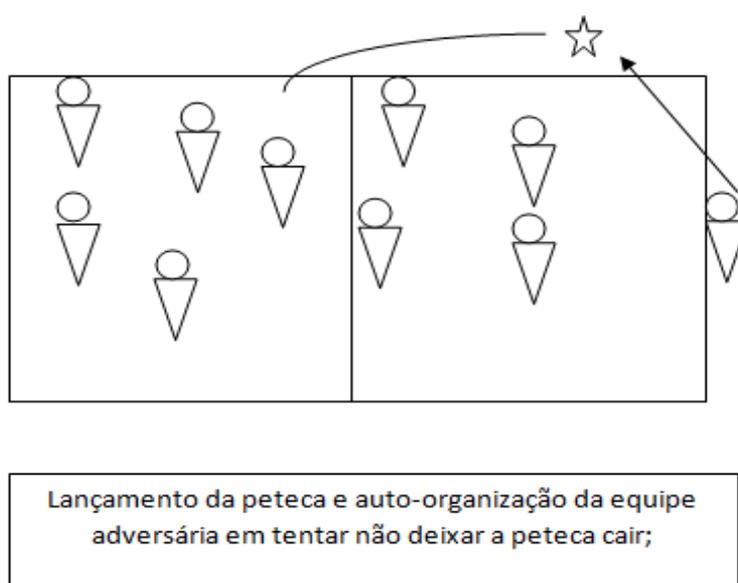
Os esportes/jogos indígenas tiveram pontos importantes que precisam ser expostos, sendo um deles a cooperação entre os educandos, Pêmela Faeti e Geiva Calsa (2015) afirma que através da cooperação coletiva é possível conquistar a participação de todo o grupo. Por isso, optamos no jogo da peteca em trabalhar coletivamente tendo como objetivo geral impedir que a peteca caísse.

Fig. 1. Jogo/Esporte Peteca (elaborado pelos autores)



Nas aulas seguintes foram trabalhados os aspectos dos jogos/esportes indígenas numa perspectiva competitiva, no entanto, ainda prevalecendo a coletividade em detrimento do individualismo. Renato Sadi et al (2008) expõe que os conhecimentos acerca dos jogos/esportes devem ser adaptados à realidade social dos educandos, assim sendo, a competição colaborou com o desenvolvimento das sociabilidades características da etnia Kayapó contextualizadas no âmbito escolar. Permitindo processos de ensino-aprendizagem auto gerenciários por parte dos alunos na definição das estratégias coletivas para qualificar a ludicidade da atividade proposta, desde que, resguardado princípios característicos do simbolismo de pertencimento da etnia Kayapó.

Fig. 2. Jogo/Esporte Peteca (elaborado pelos autores)



As aulas romperam com a padronização de regras próprias do esporte espetáculo e passaram a ser entendidas em acepções solidárias de convívio social, ou seja, criadas coletivamente na mediação dos professores com os alunos. O que modificou os objetivos dos jogos/esportes indígenas, ressignificando a competição, privilegiando a cooperação ampliando a participação dos alunos e a organização coletiva do grupo.

Ao analisarmos as intervenções com os jogos/esportes de Peteca e Jikunahati criamos um ensino espiralado que vai de encontro com a proposta do ensino de ciclos da cidade de Goiânia/GO, que busca contemplar as diferentes formas de aprendizado dos alunos, reconhecendo as trajetórias dos mesmos e suas condições sociais no acesso à cultura humana. Vislumbramos que

esta prática pedagógica permitiu que processos de exclusão que são naturalizados na escola pudessem ser debatidos e problematizados, buscando garantir a universalidade do acesso ao saber. O que provocou a necessidade do conhecimento de cada aluno para além dos diagnósticos institucionais da escola. Como nos destaca o Coletivo de Autores (1992 p. 65), existem condicionantes impostos pelas relações de poder que extrapolam os muros da escola e interferem no processo de ensino aprendizagem. Nos obrigando a constantemente repensar das categorias do planejamento para atender às especificidades advindas do ato educativo.

Com relação ao jogo/esporte Jikunahaty (Cabeça-bol), apesar da aproximação enquanto objetivo com a atividade anterior da peteca, a dificuldade didática adveio com a técnica, ainda não pedagogizada para um espaço formal de ensino, do uso da cabeça para a realização do jogo. Os educandos exteriorizaram esta dificuldade em aula, apresentando que estavam habituados em utilizar apenas os pés para manusear a bola, a cabeça sempre foi utilizada como segundo plano na vivência do futebol como esporte hegemônico. Sendo necessário criarmos uma sequência didática de apreensão desta técnica para viabilizar o ensino desta prática corporal indígena.

O Estado da Arte foi o ponto de partida para o desenvolvimento deste processo educativo, sendo possível identificar que nas aldeias utilizavam-se da ação de darem as mãos em círculo para ampliação das formas mais elaboradas de execução das técnicas de manuseio da bola com a cabeça. Sistematizamos atividades que tinham esta premissa como ponto de partida para ampliar as possibilidades pedagógicas. Executamos um jogo da seguinte forma: todos deveriam ficar de mãos dadas no círculo, sendo que o objetivo do jogo seria justamente não deixar com que a bola saísse do meio. Com essa ação foi possível evitar o uso dos pés, tronco e mãos no Jikunahaty. Devido a uma greve deflagrada pela categoria de professores da rede municipal de ensino não foi possível terminar as aulas planejadas para o ensino do Jikunahaty. Entretanto, apesar das poucas aulas ministradas, conseguimos sistematizar uma prática pedagógica que anunciava não só a apreensão deste conteúdo, mas a produção de formas criativas de valoração desta prática social de forma qualitativa.

A partir deste processo teleológico de classificação, sistematização e pedagogização dos saberes da cultura indígena na escola, vislumbramos uma educação do corpo que buscou superar a hegemonia da cultura eurocêntrica na prática pedagógica da educação física. A partir da proposição

de Luiz Freitas (2005), apresentamos no quadro abaixo a avaliação formal que sintetizou o trabalho pedagógico:

**Quadro 02:** avaliação formal do processo de ensino-aprendizagem (elaborado pelos autores)

DIMENSÕES	CRITÉRIOS/INSTRUMENTOS
Instrucional: Conceito de Educação Física, compreensão das dinâmicas e regras dos jogos/esportes e construção de variações na forma de praticar.	Análise qualitativa dos avanços referente aos conceitos (pinturas, tarefas educativas, questionários, elaboração de maquetes, atividades laborais para a confecção de materiais alternativos, dentre outros);
Disciplinar: Elaboração de acordos pedagógicos para o processo de ensino-aprendizagem e diretividade na mediação pedagógica.	Realização de combinados pedagógicos para as aulas, rompendo com a perspectiva inatista de disciplina e valendo-se do diálogo na mediação dos conflitos.
Hábitos e valores: 1. Análise crítica das alteridades existentes entre os hábitos, costumes e valores pertencentes aos jogos/esportes indígenas e suas interfaces com a cultura ocidental.	As rodas de conversa e discussão coletiva problematizando as contradições dos jogos/esportes modernos em oposição aos da cultura indígena.

Portanto, as práticas corporais indígenas, ao serem submetidas a uma teoria pedagógica crítica, podem ser sistematizadas para serem ensinadas nas aulas de educação física escolar, tomando-se a cultura corporal como seu objeto de estudo. O que constrói novos sentidos e significados para a práxis pedagógica deste campo disciplinar na educação formal e qualifica a formação dos alunos na educação básica. Enquanto professores de educação física escolar, foi possível nos autoquestionar sobre o ensino dos jogos/esportes indígenas na escola e seus desafios para a prática pedagógica. Destacando avanços que vão de encontro da valorização da cultura indígena, a ressignifica enquanto alteridade da prática social humana e apresenta alteridades na constituição dos símbolos pertencentes à educação do corpo. Permitindo um olhar ampliado e novo para as aulas de educação física com desafios que se ampliam para ações interdisciplinares no currículo obrigatório.

## CONCLUSÃO

Ao analisarmos as dificuldades da educação infantil na atualidade, verificamos uma tendência de padronização das linguagens que constituem a ludicidade na formação humana da

criança. Sobre esta problemática, lançou-se o desafio deste trabalho para o ensino dos jogos/esportes da cultura indígena na educação formal a partir da disciplina de educação física. Durante este processo, notamos que os alunos foram receptivos com o conteúdo, apesar do estranhamento diante da alteridade do acervo cultural que constituía as práticas pedagógicas desenvolvidas a partir da etnia Kayapó. O que poderia constituir um dificultador do processo de ensino-aprendizagem tornou-se a motivação para superar os desafios que tendem a marginalizar esse conteúdo na escola.

Por meio desta síntese provisória esperamos contribuir com o debate da educação escolar, no que concerne a produção de saberes que incorpore a cultura indígena no currículo obrigatório da escola, sendo este um objeto de estudo interdisciplinar fundante do ato educativo dos professores da educação básica. O que nos remete a necessidade de produção de pesquisas que se debrucem na relação entre as especificidades/diferenças dos saberes das etnias indígenas no Brasil e suas interfaces com a educação formal (currículo, planejamento, produção de material didático e experiências educativas transformadoras). Dentre os desafios colocados para a superação desta problemática na educação física e áreas afins, destacamos: 1) Classificação sistêmica e histórica das práticas corporais indígenas a partir dos troncos e grupos étnicos que formam os povos originários da América do Sul; 2) Análise dos aspectos simbólicos das práticas corporais destes grupos étnicos e comunidades tradicionais contextualizando-as suas respectivas localidades regionais e territorialidades; 3) Sistematização, planejamento e pedagogização de práticas educativas transformadoras, tomando a cultura corporal como objeto de estudo da Educação Física, que tematizem a cultura indígena na escola.

A partir deste relato de experiência, notamos que ao planejar estas regências para o ensino dos jogos/esportes indígenas na escola, no processo educativo foi possível avaliar avanços significativos que minimizaram preconceitos em relação às práticas corporais produzidas historicamente pela etnia Kayapó. Apesar das dificuldades enfrentadas da ausência de produção acadêmica na área e as intemperanças das casualidades do trabalho docente na escola, é necessário o avanço na qualificação do ensino dos saberes dos povos originários do Brasil na escola. Em suma, a partir desta experiência singular, concluímos que as práticas corporais da cultura indígenas podem ser sistematizadas e compor a formação de professores e os currículos das redes de ensino públicas e privadas da educação formal.

## REFERÊNCIAS

BRACHT et al, Valter. A prática pedagógica em educação física: A mudança a partir da pesquisa-ação. Ciência do Esporte. Campina. Autores Associados, 2002.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é educação. São Paulo, SP, 12a edição, 1981.

CAMARGO, Vera; FERREIRA, Maria Beatriz; SIMSON, Olga. Jogo, celebração, memória e identidade: reconstrução da trajetória de criação, implementação e difusão dos Jogos Indígenas no Brasil (1996- 2009). SP, Campinas: Editora Nimuendajú, 2011.

COLETIVO DE AUTORES. Metodologia do ensino da educação física. São Paulo: Cortez, 1992.

CUNHA, Manoela Carneiro. Índios no Brasil: história, direitos e cidadania. São Paulo, SP: Editora Enigma, 1ª Ed, 2012.

FAUSTO, Carlos. Os índios antes do Brasil. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

FAETI, Pâmela; CALSA, Geiva. Jogo, competição e cooperação: articulando saberes. SP, UNICAMP, 2015.

FREITAS, Luiz Carlos de. Crítica da organização do trabalho pedagógico e da didática. 7 ed. Campinas, SP: Papyrus, 2005.

GASPARIN, LUIZ. Avaliação na perspectiva histórico-crítica. Curitiba, EDUCERE, 2011.

GOIÂNIA, GO. Secretaria Municipal de Educação. Diretrizes curriculares. Goiânia, GO. 2008.

GRUPIONI, Luís Donisete Benzi. Olhar longe, porque o futuro é longe. Cultura, escola e os professores indígenas no Brasil. 2008. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo. USP.

ISA, Instituto sócio-ambiental. História indígena, In História das origens. São Paulo: USP, Cap4, p.13 à 16. 1996.

NETO, Alexandre Shignov; MACIEL, Lizete Bomura. O ensino jesuítico no período colonial brasileiro: algumas discussões. Curitiba: Editora UFPR Educar nº31, p 169-189, 2008.

QUARESMA, Francinete de Jesus Pantoja. Análise de livros didáticos do povo indígena mebêngokrê. Dissertação de mestrado, Belém , PA. UFPA, 2010.

SADI, Renato Sampaio. Pedagogia do esporte-descobrimos novos caminhos. São Paulo: Ícone, 2010.

SADI, Renato Sampaio; COSTA, Janaina Cortes; SACCO, Barbara Torres. Ensino de esportes por meio de jogos: desenvolvimento e aplicações. Goiânia, Pensar à prática, jan-jun, 2008

SAVIANI, Demerval. Escola e democracia. São Paulo, SP, 4a edição. Cortez, 1997.

\_\_\_\_\_, Demerval. Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações. 7º ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

\_\_\_\_\_, Demerval. Escola e Democracia. 38. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

SCHIAVINI, Fernando. De longe toda terra é azul. SP, editora Criativa, 2006.

SOARES, Carmen Lúcia. Educação física escolar: conhecimento e especificidade. Rev. paul. Educ. Fís., São Paulo, supl.2, p.6-12, 1996.

THIOLLENT, Michel. Metodologia da pesquisa-ação. Ed. Cortez, São Paulo: 1986.



*Submissão: 11 de outubro de 2017*

*Avaliações concluídas: 26 de abril de 2018*

*Aprovação: 11 de maio de 2018*

#### COMO CITAR ESTE ARTIGO?

PEDROZA, R.S.; SANTOS, M. C.; HOLANDA, G. I. S. SANTOS, W. M. Esporte/Jogos Indigenas: Uma Práxis Pedagógica Da Peteca E Jikunahati Na Educação Física Escolar. Revista *Temporis* [Ação] (Periódico acadêmico de História, Letras e Educação da Universidade Estadual de Goiás). Cidade de Goiás; Anápolis. V. 18, N. 01, p. 112-126 de 269, jan./jun., 2018. Disponível em: <<http://www.revista.ueg.br/index.php/temporisacao/issue/archive>> Acesso em: < inserir aqui a data em que você acessou o artigo >